

Japão poderá ajudar o Brasil

Funaro chega a Tóquio para dar explicação e pedir apoio

JULIO ALCANTARA

Tóquio — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, acompanhado pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, e outros assessores, desembarcou ontem em Tóquio, onde hoje se reúne com o ministro das Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa, e o chanceler Tadashi Kuranari, para explicar a decisão brasileira de suspender os pagamentos dos juros da dívida externa e buscar apoio e créditos do Japão. Amanhã Funaro se reunirá também com o ministro da Indústria e Comércio Internacional, Hajime Tamura, e com dirigentes bancários, no primeiro encontro com banqueiros comerciais nesta viagem pelos países mais industrializados do Ocidente.

Os bancos japoneses credores da dívida externa brasileira já manifestaram bastante preocupação com a suspensão dos pagamentos pelo Brasil e temem que a idéia possa ser seguida por outros países. Uma fon-

te da comunidade bancária, ouvida pela UPI na condição de não ser identificada, revelou que os bancos japoneses poderão vir a dar algum tipo de ajuda ao Brasil, apesar de a moratória brasileira ser para eles "um grande problema".

Funaro partiu de Roma e Zurique anteontem para a última etapa de sua viagem. Quando conversou com autoridades financeiras dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Alemanha Ocidental e Suíça.

De acordo com fontes bancárias, cerca de 20 bancos japoneses têm empréstimos no valor de 10,7 bilhões de dólares com o Brasil, o que representa cerca de um sexto do total da dívida brasileira com os bancos privados, que é de cerca de 68 bilhões de dólares.

Ainda segundo as fontes, o Brasil planeja pegar este ano mais 7 bilhões de dólares em novos créditos, sendo 2 bilhões do Banco Mundial e outras instituições fi-

nanceiras e o resto dos bancos privados. Até agora, porém, Funaro e sua comitiva encontraram recepções frias e às vezes ríspidas em sua viagem de explicações pelos principais países credores do Brasil.

Coincidentemente, na semana que passou a imprensa japonesa noticiou que os 28 maiores bancos privados do país acertaram a criação de uma firma nas Ilhas Cayman, da qual eles seriam os únicos sócios, para absorver todas as dívidas mais arriscadas do Terceiro Mundo contraídas no Japão. A firma, que existirá apenas no papel, vai comprar os títulos de resgate destas dívidas, principalmente do México, Argentina e Brasil, e se tornará então a credora destes débitos. Os bancos japoneses passarão, então, a ser apenas acionistas de uma firma multiredora de algumas das maiores dívidas do planeta, reduzindo seu próprio risco enquanto empresa.



Gros negociará com os bancos em Nova Iorque